

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo* Class.: 1993

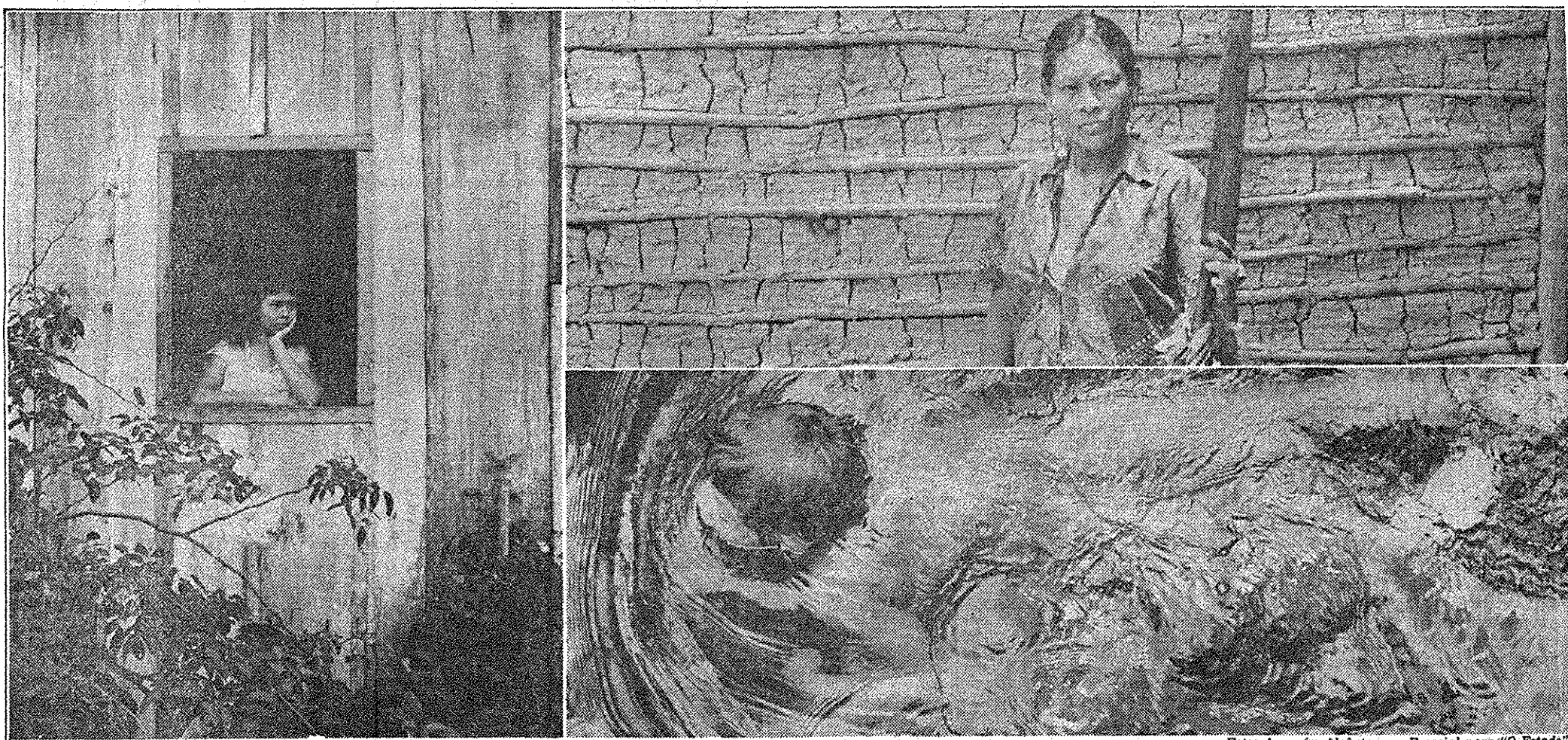
Data: 26.04.81 Pg.:

Espalhados pelo litoral de São Paulo, estão os últimos descendentes da nação guarani. Não chegam a contar 400 índios vivos, dos 700 mil que povoavam a região Centro-Oeste do Brasil e parte do Paraguai. O próprio assessor-chefe do presidente da Funai, Ivan Zanoni Hübner, em sua palestra na Semana do Índio, realizada no Museu da Imagem e do Som, reconheceu que o indígena brasileiro "é uma raça em extinção". Dos seis milhões que existiam na época da descobrimento, restam não mais que 210 mil índios.

Já o delegado da Funai responsável pelos grupamentos indígenas do Estado, pela 12ª Delegacia de Bauru, Álvaro Villas Boas ressalta que o órgão "está desenvolvendo projetos agrícolas nas seis reservas de São Paulo", a partir da experiência-piloto na reserva de Araribá, com os índios terena. Disse ainda que os projetos "estão dando excelentes resultados", mesmo "com toda dificuldade de se lidar com índios aculturados". A Funai - frisou - "está-se saindo bem em sua tarefa, porque está pagando os indígenas pelo trabalho na terra".

Na reserva de Peruíbe, Litoral Sul de São Paulo, está um terço dos remanescentes guaranis. Ao contrário do que afirmou Villas Boas, esses índios estão vivendo na miséria, degenerados pelo alcoolismo e pela doença. O restante da nação são nômades: a 15 quilômetros de Itariri, retiradas na serra, estão outras quatro famílias. O cacique Zezinho é o chefe dos 90 índios (esses podem ser considerados mestiços), com plantações junto dos posseiros no bairro Rio Branco, em Itanhaém. No Litoral Norte, 40 guaranis vivem isolados na serra de Ubatuba, desde que deixaram a reserva de Peruíbe, há sete anos, recusando a proteção da Funai.

Aurora Lanzillotta



Fotos Araújo Alcântara - Especial para "O Estado"

A busca de txalcó (a vida) é a preocupação dos últimos descendentes dos guaranis, esquecidos na reserva de Peruíbe, no Litoral Sul do Estado de São Paulo

O lento adeus dos guaranis

Há um século, os índios guaranis articularam uma grande emboscada ao amanhecer contra os tupi-guaranis, seus inimigos das matas do rio do Ouro, em Peruíbe. Simulando a retirada de toda a nação, mulheres e crianças à frente, surpreenderam os igalós agrupados na beira do rio, assistindo à falsa debandada. Centenas de índios tupis morreram e a tribo, depois de medir forças durante anos, decidiu abandonar as terras. Estava garantida a soberania do território para os guaranis, na época, bravos guerreiros.

Em cem anos, num afluente desse mesmo rio que serviu de campo de batalha de duas fortes nações indígenas, morria, há sete anos, a mãe do índio Nhimboupadju, envenenada pela poluição da água do Quatimirim. A índia morreu, por falta de socorro, na Santa Casa de Santos e seu corpo foi recolhido por quatro mestiços. Nhimboupadju não estava na aldeia. Os mestiços, bêbados, enterraram a velha índia dentro das terras da reserva, em vez de levar para o cemitério de Peruíbe. Enterraram numa cova rasa e quando veio a chuva, descobriu o caixão trazendo mau cheiro. A imprudência quase pôs em risco toda a comunidade.

Nhimboupadju, índio puro remanescente dos ativos guaranis, não perdeu a profanação. Misturando o tupi-guarani com o português, comunicou o descalço à delegacia da cidade. Vieram o delegado e o escrivão de polícia, que nada fizeram, porque a área é de jurisdição da Funai, desde que o território dos guaranis foi transformado em reserva, há 11 anos. Nhimboupadju preferiu não tomar satisfação com o chefe do posto: "Índio faz justiça com o tacape, porque em cobra a gente não bate. Mata". Saiu da reserva de Peruíbe, acompanhado por outros cinquenta de seu povo, que se recusaram continuar sob a proteção da Funai.

Foram em busca de novas terras onde pudessem preservar a identidade indígena, isolados do contato com o branco. Fugiram do alcoolismo, da doença, deixando longe atrás, a morte, indo a procura de txalcó, a vida. "Não iríamos ficar para ver o fim da raça", narra Nhimboupadju, lembrando a marcha que levou o grupo até a serra de Ubatuba, no Litoral Norte. O lugar onde se instalaram chama-se Prumirim. Fica na Serra do Mar, num contraforte oculto pela mata, onde se chega por meio de um caminho difícil de localizar, atalho junto a um trevo da Rio-Santos, um Ubatuba. O grupo está vivendo na ilegalidade, como "renega-

dos". Não se vestem de penas, apesar de isolados dos brancos, mas de blue-jeans. As casas são de taipa, construídas como faziam os antigos. Os berços dos bebês são redes presas no teto, como se fazia há centenas de anos e como fazem as nações do Norte do País. O doutor da aldeia é uma "velha feiticeira" de mais de 70 anos, que pacientemente prepara os remédios em cuícas, para todas as curas, de ervas trazidas do mato. Fazem festas em algumas épocas do ano "para colorir o Sol". Os instrumentos de música são próprios, feitos de bambu, madeira de certas árvores e penas como ornamento.

Nhanderu Bexá chega da mata carregado de palmitos, colhidos ilegalmente. É o cacique. Ele diz que seu nome é apenas João, sem sobrenome, sem correspondente na linguagem indígena. Chefe de tribo austero, de pouca conversa e duro no tratamento com os irmãos da comunidade. A ilegalidade com que garantem seu sustento não preocupa Nhanderu, desde que decidiram recusar tudo da Funai: favores, casas, remédios, postos e terra para plantação. "Funai é coisa de branco, não pode funcionar direito para os índios", diz João, Nhanderu Bexá.

Tirar o curare do cipó para envenenar as setas, Nhanderu não ensina a ninguém, "é muito perigoso nas mãos de quem não deve". Nem mesmo quando a tribo teve de enfrentar jagunços na serra Nhanderu recorreu a zarabatana: "Borduna e tacape foi feito para isso". Estão vivendo com a venda direta de alguns produtos, entre eles o palmito das matas, e do artesanato. Só os mais experientes vão à cidade comercializar as bugigangas com os turistas, já que índio não pode montar negócio: "Lei foi feita também pelo branco. Daquele riacho para cá, a lei é nossa, é do índio, e ninguém mais manda. Alcool não entra e que nenhum branco venha botar xiboca por perto que nós derrubamos, como já fizemos com dois deles por aqui".

Um "valente guerreiro" de Ubatuba, o indiozinho Meni de 15 anos, conhece a história da marcha e por que seu grupo abandonou Peruíbe. Como todos da aldeia, também repete as palavras de Nhanderu, quando o chefe resolve reunir a tribo para fortalecer a decisão de morrerem como nômades: "Índio não pode mais viver como antigamente. Não tem mais caça na mata, nem pesca abundante nos rios, mas nosso lugar é longe do branco. Se for preciso subimos a serra para nos esconder. Funai, nunca mais."

Sem tradição ou alegria

Bento Samuel antes tinha orgulho de exibir seu cocar de cacique para os brancos que visitavam a reserva. Hoje ele pede licença e sai para a mata, empunhando um guarda-chuva furado que não larga nunca, na cabeça um capacete azul de operário do metrô que apareceu na aldeia, depois de meia hora de conversa sobre a situação dos índios de Peruíbe. A aldeia está na miséria, os índios maltrapilhos e doentes. Não há mais tradição e nenhuma alegria. Só o que os reúne são os ballinhos aos sábados à noite, as pedadas quase todas as tardes, os radinhos de pilha e televisão a bateria que alguns têm.

Diz esse velho cacique: "Índio vai trabalhar com fome, ganha um quilo de mistura por família que não dá para nada, usa roupa velha e sapato gasto dos que ajudam o índio sem dinheiro e sem comida. Tudo que a Funai fala é mentira, os funcionários mentirosos, que só querem ganhar dinheiro às custas do índio. Ninguém faz nada, o índio daqui está morrendo abandonado". Até há dois anos, bebiam água do Quatimirim, riacho que atravessa a reserva e matou a índia Nhimboupadju, quando foram instalados dois poços artesanais para servir as 120 mulheres, crianças e guerreiros guaranis.

As casas do cacique e seus filhos são as únicas que dão a idéia de uma aldeia, por estarem agrupadas de forma circular, numa área plana chamada de "campo". Ficam a uns quatrocentos metros abaixo da entrada principal, onde estão as outras famílias, perfiladas nos costões à beira do caminho, a 18 quilômetros de Peruíbe, pela mata. A promiscuidade tomou conta da aldeia, a bebida viciou a maioria dos indígenas, a tuberculose e outras doenças provocadas pela sujeira do lugar matam, aos poucos, os mais velhos e as crianças. A mendicância se tornou hábito de todos eles.

Uma única vez fizeram um levantamento para proteger os 200 alqueires de terras demarcadas pela Funai. Munições de tacapes, arrasaram a casa, botaram fogo no alambique e espancaram o posseiro Avelino, que ficou respondendo a um processo de reintegração de posse movido pela Funai oito anos e só deixou a terra dos guaranis quando morreu, no ano passado. Foi nessa época, há três anos, que o chefe do posto, Walfrido Silva, avisou os índios da che-

gada de luz elétrica para a reserva. Vieram os funcionários da Cesp e depois de quase dois meses de trabalhos, plantaram meia dúzia de postes de madeira e estenderam fios. Luz, os índios não viram até hoje.

O balano Clodoaldo José de Matos é professor do posto da Funai, uma casa de tijolo antes de chegar na reserva. Até a semana passada, os filhos das famílias índias não tinham assistido a uma aula. As casas de madeira construídas há dez anos, desde que transformaram em reserva, estão podres e caindo aos pedaços. A enfermeira foi embora e quem está dando medicamentos aos índios, "para uma dor de berriga ou febrezinha", como diz o professor, é sua mulher.

Bento Samuel, cacique documentado pela Funai, ficou responsável em 1979 pela implantação de um projeto agrícola para a reserva: 56 mil pés de banana. Os índios estão com 7 mil pés plantados e já fizeram três vendas da banana aos compradores que vão buscar o produto na aldeia. Pelo projeto, os guaranis receberiam pagamentos semanais para cultivo e extração da "moleção". Das três vendas - Cr\$ 100 por caixa com dez dúzias de banana cada - ninguém sabe onde foi parar o dinheiro.

"Meu povo conhece o que é diário. Firme palavra com o chefe maior da Funai em Brasília que plantaria os 56 mil pés de banana. Não cumpriram a promessa com os índios. Trabalhar com fome na mata, esses funcionários não sabem o que é isso". O cacique interrompe sua fala e vai embora. Domingo passado, dia do Índio, a reserva ganhou um presente: um churrasco oferecido pelo chefe do posto. A Funai liberou uma verba de Cr\$ 12 mil para "que fosse feita a comemoração". Junto uma nova promessa, idêntica à de instalação de luz elétrica: água encanada saindo da serra do Bananal, cuidando assim da saúde desses guaranis.

O irmão do cacique Bento, Antônio Branco vive com os índios de Itariri. Quatro famílias ocupam as terras do rio do Azeite, cultivando plantações individuais de milho e mandioca. Para o bairro do Rio Branco, em Itanhaém, foram os mestiços expulsos da reserva, por causa de divisões e rancores que se arrastaram anos com os índios puros, mendigos indígenas de Peruíbe, protegidos pela Funai.